

Jorge Braga de Macedo



Braga de Macedo é o verdadeiro homem dos “sete ofícios”. A força para o seu dia-a-dia vai buscá-la aos banhos de mar que toma durante todo o ano. Faça sol ou chuva.

“Sempre tive fascínio pelas ciências”

Nasceu a 1 de Dezembro de 1946 e chamaram-lhe Jorge Avelino Braga de Macedo. Estudou nos Estados Unidos, Relações Internacionais e Economia. Em Portugal possui uma notável carreira académica e política. Actualmente preside aos destinos do Instituto de Investigação Científica Tropical e investiga nas áreas da macroeconomia e do desenvolvimento na Universidade Nova de Lisboa, para onde entrou em 1976. É casado e tem três filhos. Adora morar à beira-mar.

Por Paula de Jesus Simões

Quando veio morar aqui para a zona?

Voltámos da América em 1984 e decidimos comprar aqui uma casa porque a família da minha mulher já vinha para aqui há décadas. Gostámos muito desta casa, que era de uma peixeira chamada Maria Nazaré e demos-lhe o nome de Nossa Senhora da Praia. O nosso gosto seria viver aqui, mas ficamos duas ou três noites, por semana, em Lisboa. Gosto muito de trabalhar neste escritório, de onde se vê o mar. Quando posso, duas vezes ao dia vou dar um mergulho. Acabei por conhecer os pescadores do Mindelo ao Magoito!

Dos cargos que já ocupou, o que mais o marcou?

A vida pública é um serviço que marca. Nos dois anos e tal que passei no Ministério das Finanças, não fiz todas as reformas que gostaria de ter feito. Algumas foram travadas por circunstâncias políticas. Mas houve uma importante que foi a entrada do escudo para o sistema monetário europeu, que permitiu estabilizar a moeda, diminuir a inflação e aumentar o poder de compra. Deu-me especial alegria porque nós vivemos quase 100 anos de solidão cambial, com uma moeda inconvertível nas outras. Essa solidão terminou em 1992 quando a nossa moeda passou a ser gerida por todos os países que vieram a ser membros do euro. Foi uma alegria grande para mim contribuir para essa reforma estrutural. Também me lembro bem da assinatura do Tratado da União Europeia em Maastricht. Foi uma grande

honra representar Portugal. Temos uma economia saudável?

Existem muitos problemas sabe? A mudança de regime monetário em 1992 exigia finanças sãs: um processo de decisão acerca das despesas públicas e dos impostos que permitisse à população consumir de forma sustentada. Tivemos uma mudança de regime mas não conseguimos mudar as contas públicas de modo a encorajar a poupança e permitir o crescimento económico. Há cinco ou seis anos que estamos com o pior crescimento económico da Europa.

A poupança por parte das famílias ainda é possível?

A poupança no global é o conjunto do esforço da poupança das famílias, que vai depois permitir às empresas investir e crescer a economia. Imaginemos num estádio, todos sentados. As pessoas do lugar de baixo levantam-se. A seguir as outras por trás têm também de se levantar e no fim acaba tudo levantado e a ver tão bem ou tão mal como quando estavam sentados, mas mais cansados. Quando o Estado não poupa e está a gastar mais do que tem, as pessoas também não podem poupar porque toda a poupança é absorvida pelo Estado. Só ficam mais cansadas.

Está nas mãos do ministro das Finanças a boa aplicação dos dinheiros públicos?

Há muito quem pense que um ministro das Finanças com força não é democrático. Isto é uma asneira muito grande, mas nem sempre se explica porque é que este ministro é no Governo o aliado do contribuinte. Ora veja: parte do dinheiro de cada um de nós é devido ao Estado a título de

imposto. O paradoxo é que logo que pago o “meu” imposto, o dinheiro deixa de ser meu e passa a ser de todos. Isto porque há que pagar as despesas públicas. Embora supostamente no interesse de todos, estas despesas acabam por ser apropriadas por grupos sociais bem determinados: os professores, os militares, os enfermeiros, os juizes, etc. Esta apropriação não tem nada de mal, são os salários deles, mas é preciso perceber que está por trás da indisciplina orçamental: aquilo que nós julgamos que é o nosso imposto, é o dinheiro do povo, é de todos ao passo que aquilo que julgamos ser as despesas de todos, são os rendimentos de alguns. Se os contribuintes não estiverem atentos, o Estado resolve este paradoxo gastando mais dinheiro do que recebe e endividando-se perante as gerações futuras que não podem votar. Daí o nosso dinheiro se poder desperdiçar desde logo porque é usado, não no interesse de todos, mas no interesse de alguns. Isto não está nas mãos do ministro das Finanças que em Portugal tem menos poder sobre o orçamento do que nos outros países da União Europeia.

Temos então um Estado esbanjador?

Criou-se um mostro e enquanto ele não for amordaçado, não nos vai deixar crescer. O grande obstáculo ao crescimento é o desperdício público, a estrutura não mudou. Quando o Tratado de Maastricht entrou em vigor, a Espanha estava pior do que nós e agora está melhor. Eles não pararam de fazer reformas e isso não passa por serem governos de esquerda ou de direita. Em Portugal, pararam as reformas há mais de 10 anos e caímos no que alguém

chamou o pântano.

É um homem de fé?

Sim, com certeza. E a minha fé teve implicações sociais: percebi quando trabalhei na Comissão Europeia, há quase 20 anos, que a sociedade desligada do sagrado passa a ser uma sociedade sem rumo. Agora o perigo é que a vida sagrada seja vivida com uma tal obsessão que leva ao fanatismo e à intolerância. O papa João Paulo II, que foi muito amigo dos economistas, como se vê na Encíclica Centesimus Annus, dizia que era mais fácil compreenderem-se mutuamente pessoas que acreditam em Deus do que estas compreenderem um ateu. Muitos contestaram isso perguntando como poderia ele nos comparar-nos aos fundamentalistas islâmicos, por exemplo. Tenho esperança no diálogo inter-religioso porque entendo o sagrado como uma dimensão essencial da sociedade.

Qual o papel da Igreja nos nossos dias?

Na educação e no acompanhamento ao longo da nossa vida, e nos momentos mais difíceis, é fundamental. Em África, por exemplo, o papel da Igreja é essencial: há uma tradição de tratar das almas e da vida das pessoas.

Tem intenção de reformar a curto prazo?

Na vida académica a pessoa só pára de trabalhar quando morre. Se pudesse ir menos a Lisboa, trabalhava mais aqui e tomava mais banhos na linda praia da Aguda. Mas agora dou aulas em Paris às segundas feiras e tenho de passar lá uns fins-de-semana...